

A CONSTITUIÇÃO DA MASCULINIDADE

Cristiane Silva Esteves ¹
Cristina Castro de Aguiar ²
Magda Medianeira de Mello ³

RESUMO

O presente artigo aborda a temática da constituição da masculinidade, enfocando esse processo dentro do período da adolescência e trazendo questões da atualidade envolvidas no declínio da função parental. Ele integra os aspectos descritos anteriormente a partir de autores clássicos e contemporâneos. Conclui-se que a atualidade, com as decorrentes mudanças na estrutura familiar, traz novos aspectos a serem levados em conta para a constituição da masculinidade.

Palavras-Chave: Adolescência. Identidade de Gênero Função Parental.

ABSTRACT

This article talks about the formation of masculinity, focusing on this process at the period of adolescence and bringing current issues involved in the decline of parental function. These ideas are described from classical and contemporary authors. We conclude that nowadays, with the resulting changes in family structure, new aspects should be taken into account for the formation of masculinity.

Keywords: Adolescence Gender Identity Parental Function.

ENTENDENDO A ADOLESCÊNCIA

O ciclo vital do ser humano é constituído por várias etapas que vão sendo vivenciadas ao longo da existência desde o nascimento à morte. A adolescência é uma das fases intrínsecas ao processo do desenvolvimento humano e, devido a sua posição de intermediação do período da infância à idade adulta, é perpassada por vários conflitos que caracterizam essa fase como umas das mais conturbadas.

Na adolescência, ocorre a revisitação a um tempo passado (infância) e um direcionamento para um tempo futuro (adulter). Conforme Macedo, Azevedo e Castan (2004, p.18), "uma das tarefas da adolescência é, por meio da revivência de situações passadas, possibilitar condições para um trabalho de reestruturação psíquica", que resultará na estabilidade egoica e numa reorganização das pulsões, originando uma

¹ Graduação em Psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: crissilvaesteves@hotmail.com.

² Graduação em Psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: cristina.aguiar@acad.pucrs.br.

³ Graduação em Psicologia – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Especialista em Administração e Planejamento Escolar para Docentes – Universidade Luterana do Brasil. Doutora em Psicologia – Universidad Autonoma de Madrid. E-mail: magdamello@terra.com.br.

nova identidade. A fim de conquistar um senso de identidade, o adolescente precisa alcançar a individuação que se iniciou com a discriminação entre o “eu” e o “não eu” na infância. Para que isso ocorra, “ele tem de passar pelas etapas de autoconsciência e da existência fragmentada”. Vivenciar “impulsos de oposição”, de rebeldia, resistências, os excessos e as experimentações que vão ajudá-lo a discernir o que não é. Esse processo, no entanto, causa-lhe, muitas vezes, “sentimentos de isolamento, solidão e confusão” (BLOS, 1998, p. 19).

Aberastury e Knobel (1981) abordam a necessidade da elaboração de três lutos básicos na adolescência e sua influência no âmbito do pensamento. A saber: o luto pelo corpo infantil, pela identidade infantil e pelos pais da infância. Os pais do adolescente envolvidos no processo também precisam fazer o luto pelo corpo, pela identidade de criança e “pela relação de dependência infantil” (p. 15-16). Eles devem enfrentar a crítica dos filhos e, ao mesmo tempo, se conformar com a perda da imagem idealizada que outrora estes lhes atribuíram. O adulto precisa aceitar o processo de crescimento do adolescente e isso provoca ambivalência e resistência, além de dificuldade em adotar uma relação de igualdade.

O pensamento do adolescente também entra em uma crise de temporalidade que se caracteriza pelo imediatismo ou pela postergação frente às realizações, podendo acompanhar um sentimento de impotência. Mediante a elaboração dos três lutos, que permite situar corpo, papel e pais infantis no passado, aceitando o transcurso do tempo e a irreversibilidade da morte, o jovem vai substituindo um tipo de pensamento primário pelo juízo de realidade. Outro aspecto a considerar no pensamento adolescente é a confusão sexual, já que o luto pelo corpo perdido implica o luto pelo sexo perdido. A forma de lidar com essa perda é a masturbação, que caracteriza uma negação onipotente dessa. Portanto, Aberastury e Knobel (1981) alertam que a elaboração incompleta dos lutos, ou a não elaboração destes, pode produzir fixações ou exageros desses processos.

A adolescência é um período no qual as mudanças ocorridas na vida sexual infantil encontram sua forma final, através da recapitulação e expansão do que ocorreu nos primeiros cinco anos

de vida. Espera-se que, até o fim da adolescência, desenvolva-se a genitalidade e se dê a busca por objetos sexuais fora do campo familiar, diferentes para meninos e meninas (FREUD, 1905).

Durante a adolescência, meninos e meninas precisam lidar com as mudanças impulsionadas pela puberdade, como o desenvolvimento da capacidade sexual e as características sexuais secundárias. É característica dessa fase uma rápida alternância entre independência rebelde e dependência regressiva, ou mesmo, a coexistência dos dois. Além disso, são comuns grupos de adolescentes isolados, ou seja, agregados de indivíduos isolados identificados por gostos em comum. E ainda existe a moralidade feroz nesse período, baseada em noções de verdadeiro e falso, em que há a ausência de meios-termos (WINNICOTT, 2005).

Winnicott (2005) descreve o que ele chama de “zona de calmarias”, uma fase na qual os adolescentes se sentem fúteis e ainda não se encontraram. Para esse autor, os jovens buscam uma identificação, uma identidade e maneiras de sentirem-se reais diante da irrealidade sentida e das incertezas percebidas e vividas nesse momento da vida.

A formação do caráter normal e a formação dos sintomas neuróticos ocorrem a partir de um mesmo processo, que é descrito pelas lutas do Ego para dominar as tensões e pressões originadas dos derivados pulsionais, podendo derivar-se em uma estrutura normal ou em defesas patológicas. Essa batalha entre o Ego e o Id possui uma primeira trégua no Período de Latência, mas ressurge no início da adolescência, com o incremento das moções pulsionais tanto qualitativa como quantitativamente (FREUD, 1905).

A família possui uma grande influência nesse período, visto que muitas dificuldades e necessidades de intervenções terapêuticas pelas quais passam os adolescentes se devem a quando esse meio externo não é adequado. Os pais, assim como os adolescentes, muitas vezes, encontram-se perdidos diante das mudanças e das incertezas pelas quais passam seus filhos e filhas (WINNICOTT, 2005).

A posição libidinal do adolescente pode ser comparada à posição da pessoa em luto ou ao amor infeliz. Nessa fase, o indivíduo está passando por uma luta emocional de extrema urgência e

imediatismo. Sua libido está prestes a separar-se de seus pais para investir em novos objetos (exogâmicos). Isso faz com que o adolescente viva um momento de luto pela perda dos objetos do passado, ao mesmo tempo em que inicia a sua vivência com novos objetos pelos quais se apaixona, tendo certo afastamento narcísico nos momentos em que nenhum objeto externo é catexizado. Dessa forma, o adolescente possui pouca ou nenhuma libido disponível para que ocorra o investimento libidinal no psicoterapeuta e no passado (FREUD, 1905).

CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO

A formação da identidade de gênero depende de fatores psicológicos, biológicos, sociais e culturais. Ela se constitui a partir da convicção de que a designação sexual da pessoa é correta anatômica e psicologicamente, o que ocorre entre os dois e os três anos de idade. Cada indivíduo desenvolve um sistema de crenças a respeito de si, isso inclui a noção de masculino ou feminino, que continua se desenvolvendo ao longo da vida, através das identificações (STOLLER apud LAVORATTI, 2003).

De acordo com Stoller (apud LAVORATTI, 2003), a identidade masculina é algo a ser conquistado e isso não ocorre de forma natural no decorrer do desenvolvimento. Freud (1905) coloca a questão do monismo fálico, postulando que a aquisição da masculinidade pelo menino é um processo mais tranquilo do que a da feminilidade pela menina, sendo o primeiro objeto de amor do menino de caráter heterossexual (a mãe). Também propõe que os objetos de desejo sexual devem ser encontrados, não sendo inatos. A conquista da identidade masculina, segundo ele, é estabelecida no início da infância, mas redescoberta ao término da puberdade.

Freud (1923) ainda postula que as polaridades masculina e feminina ocorrem apenas na puberdade, antes disso, na fase anal, ocorre a oposição entre ativo e passivo e, na fase fálica, apenas há o masculino (monismo fálico), ficando a polaridade entre ter ou não o órgão genital masculino. Durante a passagem pelo Complexo de Édipo, a criança passa a diferenciar anatomicamente meninos de meninas, o que gera um desenvolvimento psíquico diferente entre eles (BREEN apud LAVORATTI, 2003).

Baseando-se no conceito de bissexualidade,

o Complexo de Édipo passa a ser descrito tanto em sua forma positiva como negativa. O menino, diante disso, possui uma relação ambivalente com o pai: por um lado, ele tem impulsos amorosos em relação a este, por outro, sente-o como um rival e hostiliza-o por isso. Pelo investimento narcísico no pênis, surge o medo de perdê-lo (Complexo de Castração), então, o menino abdica do amor incestuoso pela mãe para se identificar com o pai (Complexo de Édipo positivo). Essa identificação também se dá de duas formas: uma materna e outra paterna, sendo a preponderância de alguma delas que refletirá a disposição sexual posterior (FREUD, 1923).

Stoller (apud LAVORATTI, 2003) designou um estágio precoce de fusão mãe-bebê, chamado de profeminilidade, que determina o fundamento do sentimento de feminilidade no bebê. Nesse período, é de extrema importância a interferência ativa do pai, rompendo com a simbiose, possibilitando que o bebê se identifique com um objeto masculino, acessando o sentimento de virilidade e podendo impedir futuros distúrbios da masculinidade. As projeções e os desejos inconscientes sobre o futuro desse bebê e a possibilidade de permitir a entrada do pai, através da valorização e admiração desse homem, são papéis da mãe (GLASSER; GREENSON; MCDUGALL; STOLLER apud LAVORATTI, 2003).

A constituição da identidade de gênero é influenciada pela sociedade na qual se encontram inseridos os indivíduos. Na sociedade contemporânea, a masculinidade passou a ser reestruturada, os homens passaram a olhar para as mulheres e para seu lado feminino. Esse processo tornou o homem atual mais suave e ponderado, fazendo com que agisse como um bom menino, agradando a sua mãe e a sua mulher, fenômeno que o autor chama de "macho frouxo". Apesar do lado bonito e suave que apresentam, esses homens, muitas vezes, sentem-se infelizes, angustiados, incapazes de ter a energia necessária para criar a vida, postados ao lado de mulheres fortes e enérgicas (BLY, 1991).

Segundo Bly (1991), o homem moderno precisa efetuar um mergulho interior para encontrar seu lado masculino, aceitando seu lado sombrio. O autor postula que, em nossa cultura, os meninos têm uma necessidade constante de iniciação no espírito masculino, mas os mais velhos em geral não

a fornecem. O problema, na atualidade, sugere Bly (1991), encontra-se no fato de que os homens fora da família nuclear não oferecem mais uma maneira eficiente para que o filho rompa o elo com os pais, sem causar danos a si mesmo. Para ele, a própria masculinidade é ensinada pela mãe, já que é ela quem distingue os primeiros sentimentos da criança. O autor afirma que os meninos precisam de um segundo nascimento, dessa vez, a partir do homem; pois apenas homens podem iniciar homens.

O DECLÍNIO DO SABER PARENTAL

Jean-Jacques Rassial (2000) faz notar que já “a partir dos anos vinte, Freud se inquietava com o declínio da função paterna [...]. Após a guerra, Lacan nomeava os mesmos fenômenos, evocando um declínio dos nomes do pai” (p. 9). Esse declínio atinge a figura mítica e unificada do Pai em seus diferentes registros, ou seja, os do pai simbólico, imaginário e real. “Este pai que decaiu”, continua Rassial, “é primeiro e essencialmente o pai simbólico, o pai já morto da horda” (p. 10). Esse declínio se traduz em uma desqualificação simbólica do pai, cujos efeitos imaginários se fazem notar hoje na grande dificuldade que os pais modernos têm em sustentar sua autoridade diante de seus filhos nos miúdos meandros da vida cotidiana.

No Brasil, pode-se acompanhar o movimento de queda do pai simbólico no decorrer da história. O Pai do Brasil Colônia era, de acordo com Costa (1983), um legislador absoluto e detinha o poder de vida e de morte sobre seus familiares. O surgimento do Estado burguês moderno teve que combatê-lo, já que sua autoridade se chocava com aquela ambicionada pela nova ordem político-social. De acordo com o autor, surgem, a partir da segunda metade do século XIX, os médicos higienistas, imbuídos da missão de restringir o poder do Pai pela via de sua desqualificação. A família brasileira é descrita, na pena desses médicos, como responsável pela mortalidade infantil, incapaz de decidir sobre a educação de seus filhos e responsável pelas doenças mentais que viessem a atingi-los. Para usar a expressão de Freire Costa, a família, para os higienistas, era considerada nefasta.

Ao acompanhar o desenrolar das ideias da pedagogia higienista, chama a atenção a excessiva preocupação com a “disciplina” dos corpos. O ataque às manifestações da sexualidade, duramente

punidas nos colégios internos do século XIX, e a obsessão pelo corpo saudável, bem controlado, sem vícios, parecem ter produzido efeitos exatamente contrários aos pretendidos. Acompanha-se, assim, ao declínio do saber parental, concomitantemente à ascensão do saber técnico, a princípio representado pelo discurso médico, mas seguido pelo discurso da educação e, mais adiante, da psicologia, amparada inclusive por alguns preceitos teóricos psicanalíticos.

Para a psicanálise, o pai que hoje estaria em declínio é aquele encarregado de transmitir a lei básica da cultura e de introduzir a criança no campo da linguagem, o que ocorre a partir da separação entre mãe e filho, que promove a renúncia da criança ao gozo implicado anteriormente em ser objeto para o Outro. A temática da ausência de limites é discutida por Castro (2001), que destaca as diferenças existentes sobre esse tema, entre psicologia e psicanálise, estabelecidas a partir da diferenciação entre o pai real e a função paterna. Segundo o autor, é a introjeção dos cuidados maternos que permitirá à criança um autocontrole, uma canalização de seus prazeres e gozos primitivos. A participação do pai também é indispensável na incorporação desses limites primordiais, desse contorno subjetivo, pois ele deve se colocar como uma espécie de garantia de que tais limites veiculados pelos cuidados maternos poderão ser, de fato, internalizados. Assim, “quanto mais esse processo tiver sido levado adiante, menos a necessidade de um controle externo haverá” (p. 51). Dessa forma, a criança corre o risco de ficar aprisionada ao desejo materno, como um efeito de uma opaca intervenção paterna na relação entre mãe e filho. Disso decorrerá também a dificuldade de separação aos três anos, bem como as dificuldades frente à lei. Além disso, pode-se supor que uma mãe que não se vê apoiada e reconhecida em sua função pela intervenção paterna fica desconcertada para cumprir o que se espera dela: fornecer o *holding* necessário para o bebê se sentir contido e aconchegado em seu lugar, realizar o *handling* de cuidar dele, oferecendo significações afetivas e simbólicas ao seu toque e às funções corporais e, finalmente, para apresentar os objetos do mundo externo e ensinar a criança a se relacionar com eles, conduzindo seus movimentos do corpo materno aos objetos transicionais, se nos ativermos ao que Winnicott propõe como as funções essenciais da mãe.

A substituição gradativa que vem sendo promovida, do saber inconsciente parental pelo saber técnico e científico, conforme comentado anteriormente, desde o movimento higienista, além das contingências da vida moderna, principalmente da entrada da mulher no mercado de trabalho, também produz efeitos no exercício da maternidade. Às “mães de partitura”, que substituem sua espontaneidade ou aplacam sua angústia pelo brutal distanciamento do saber materno de sua linhagem, muitas vezes, o diagnóstico de uma síndrome garantidamente orgânica, como vem sendo apresentada a hiperatividade, é um grande alívio perante a culpabilidade diante de um filho que as ultrapassa e cujo enigma não conseguem decifrar.

Da mesma forma, importante se faz a constatação de que os pais modernos necessitam de lugares de escuta e de discussão para poder construir sua paternidade e sua maternidade, bem como resulta daí a necessidade de ações preventivas junto a gestantes, puérperas e pais de crianças pequenas, em maternidade, creches, pré-escolas, comunidades de bairro. Ações para as quais a psicanálise tem os dispositivos e uma teoria de base.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde antes do nascimento do bebê, os pais depositam neles expectativas, conscientes ou inconscientes, que valorizam o gênero feminino ou masculino (STOLLER, 1985/1993). Quando a mãe tem uma bissexualidade psíquica bem-estruturada, com uma boa internalização de seu casal parental e de sua relação com cada um de seus pais, ela pode oferecer ao bebê um olhar que o acolhe em sua singularidade desde o nascimento.

Lacan (1955-1956/1985) enuncia que significante do Nome-do-pai é elemento que inscreve psiquicamente a função do terceiro que interdita a relação simbiótica mãe-bebê, permitindo, assim, que a criança se salve da submissão ao Outro e possa sustentar o seu próprio desejo. Entretanto, tanto a função paterna quanto a função materna não ficam reduzidas aos pais biológicos, na medida em que a ausência destes pode ser suprida por outros ideais que estejam relacionados com o desejo da mãe (CABAS, 1982).

Diante das mutações culturais e sociais em relação à função paterna, citadas anteriormente,

questiona-se sobre o lugar do pai como referencial simbólico na atualidade e sobre as influências disso na constituição da subjetividade do filho e na forma de referência à lei. A transmissão da autoridade paterna tem ficado cada vez mais complexa, tendo como um dos motivos as rupturas e recomposições que, ao longo do tempo, a família vai sofrendo (ROUDINESCO, 2003). Os efeitos desse processo, somado ao declínio social da imago paterna, acabam por remeter a um esvaziamento da função simbólica de transmissão a ser realizada pelo pai, em detrimento da prevalência do discurso social sobre o discurso familiar. Dessa forma, a função fálica vem cada vez menos sendo exercida pelos homens. Quando isso ocorre, os filhos homens têm de buscar outro referencial masculino, visto que a função não está sendo exercido pelo seu pai biológico, para se identificarem.

A superproteção materna e a ausência paterna pode ocasionar uma dificuldade de saída do período de latência, fazendo com que o menino apresente apenas poucas características adolescentes, mesmo que já esteja com idade de adolescente. Essa relutância em crescer se deriva dos aspectos egoicos ou superegoicos da personalidade; adolescentes que construíram defesas excessivas contra suas atividades pulsionais e apresentam-se incapacitados pelas barreiras contra os processos maturativos normais da adolescência (FREUD, 1905).

Para Freud (1905), uma das tarefas básicas do período da adolescência é a subordinação da pré-genitalidade para a genitalidade, o que influi em muitos aspectos psíquicos do indivíduo. A fantasia torna-se um meio de defesa contra as ansiedades dessa etapa, servindo como expressão dos desejos reparadores (ISAACS, 1986).

Durante a adolescência, o menino busca, além do desenvolvimento, a afirmação de sua identidade, incluindo, também, a identidade de gênero. Nessa busca por uma identidade, é natural que haja momento de confusão, podendo haver flutuações entre diversas identidades. É importante que se dê mais espaço para o jovem homem falar de suas angústias, insatisfações e confusões geradas pelos modelos que são oferecidos pela sociedade e pelo que esta espera do masculino na atualidade. Dessa maneira, será possível que o menino desenvolva uma identidade masculina mais saudável, tendo, então, possibilidade de se afirmar como masculino

por diversas vias, que não a agressividade ou o uso de álcool, como se sabe ser comum.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BLOS, P. **Adolescência**: Uma interpretação psicanalítica. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BLY, Robert. O Travesseiro e a Chave. In: BLY, Robert. **João de Ferro**: Um Livro sobre Homens. Rio de Janeiro: Campus, 1991. 251p.

CABAS, A. G. **Curso e discurso da obra de Jacques Lacan**. São Paulo: Moraes, 1982.

CASTRO, S. No limite. A criança entre a mãe e a mulher. **Curinga, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 15/16, p. 43-57, 2001.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FREUD, S. Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 120 p.

_____. A Organização Genital Infantil (1923). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

ISAACS, S. A Natureza e a Função da Fantasia. In: KLEIN, Melanie et al. **Os progressos da psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1986. 365 p.

LACAN, J. **O Seminário. Livro 3**: As psicoses (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAVORATTI, E. L. Algumas Vicissitudes na Aquisição de uma Identidade Masculina. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, p. 183-198, 2003.

MACEDO, M. M. K.; AZEVEDO, B. H.; CASTAN, J. U. Adolescência e psicanálise. In Macedo, M. M. K. (Org.). **Adolescência e psicanálise – interseções possíveis**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

RASSIAL, J. J. Declínio do pai ou falha do professor? In: COLÓQUIO DO LUGAR DE VIDA/LEPSI, 2, 2000, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Lugar de Vida IPUSP/LEPSI, 2000.

ROUDINESCO, E. **A Desordem das Famílias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 247 p.